

## Páginas escolhidas

### Pontuação

E' a pontuação parte mui capital da ortografia, e corre ainda mais sem regra, que a própria escrita dos vocábulos. Quantos os escritores, tantos os systemas de pontuação; não digo tudo: o mesmo escritor, em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma página, e recopiando o mesmo período, pontuará diversamente. D'aqui, e de se não darem, nem poderem dar, nas escolas boas regras, e boa prática de recitar, provém que a pontuação, para a quasi totalidade dos ledores, é letra morta. Muito é logo para desejar, persuadir, e requerer, que outro tanto, como para a correcção gráfica das palavras já pedi, se haja não menos de fazer em beneficio deste indispensavel complemento da escritura. Ousarei até accrescentar, que esta segunda reformation, quando bem feita, promette e afiança vantagens de maior momento: *Rosa* ou *roza*, *homem* ou *omem*, *Nympha* ou *Ninfa*, não offerecem na realidade mais que uma questiúncula filológica; ahi, o som, e o valor real como quer que se escreva, são sempre os mesmos. Não assim a pontuação: nesta, vae interessada a lógica, e a eloquência ou poética; isto é, a razão, e os affectos. Eis o porque me pareceu consagrar aqui algumas linhas a este assumpto.

Attribue Cícero a origem da pontuação á necessidade de se tomar o fôlego: se dessa razão física procedeu, outra houve para se ella adoptar e seguir, e foi a dialéctica; porque as pausas e compartimentos dos períodos, para alguma coisa mais alta e importante servem, que para nos deixarem respirar; circunscrevem os conceitos, determinam as suas relações, e consequentemente alumiam e dissolvem perplexidades a cada passo. Os mesmos vocábulos, e postos pela mesma ordem, em carecendo de pontuação, pode exprimir conceitos, não só diversos, senão oppostos, segundo o engenho, as opiniões, os interesses, ou a ignorância do leitor ou dos ouvintes. Importava logo, que de todos esses sentidos possiveis, o autor, pela addição de certos sinaes, designasse qual era o seu.



Das obras de Heráclito, dizia Aristóteles, que se não atrevia a pontual-as, com medo de levantar testemunhos ao autor. Que seria, onde de Heráclito não fosse o escrito, nem o intérprete um Aristóteles?

De Cícero até nós, todos os grammáticos em geral, têm considerado a pontuação como uma necessidade física dos pulmões, e uma necessidade intellectual; noutros termos: como uma commodidade, e uma clareza. Entretanto, a pontuação pode ter, tem já, e deve ter ainda mais, terceira serventia; a saber: exprimir *intenção artistica*.

A linguagem fallada foi um effeito necessario da faculdade discursiva, e da tendência social, providencialmente posta na alma humana desde todo o principio.

Da linguagem fallada nasceu a escritura; esse invento dos inventos, não menos admiravel que a própria linguagem; essa apotheose e esternisação das idéas mais subtis e fugitivas; essa memória do gênero humano, que nada esquece; essa, se bem se pondéra, semi-prova da immortalidade do nosso espirito. Pelo facto de fallar e escrever, o homem se achou investido na realeza do Universo: o presente, ficou sendo o seu domínio pela associação; o passado e o futuro, pelas letras, que em si contêm a história, as crenças, as legislações, e as sciências todas.

Que immensa conquista! e que série de portentos! A idéa, tornada palavra! sahida do seio da alma como um pássaro inesperado do escuro d'um bosque, viva, coráda, sonora, rápida, volante e com a maravilhosa propriedade de poder entrar por ouvidos em milhares de almas ao mesmo tempo, para as fecundar! depois, a palavra, corporificação aérea da idéa, tão fugaz por sua natureza como o sopro, e fadada a expirar apenas nascida, ambiciona duração indefinida, e corporifica-se para os olhos! Duas encarnações do verbo humano! Nesta parte parece que toda a ambição possivel se achava satisfeita, e não havia mais que pedir ao gênio: mas não era assim. A idéa, traduzindo-se na palavra fallada, tinha necessitado de crear para a mesma palavra uma escala de tons de affectos, sem os quaes só seria retratada em mortecor; assim tambem a palavra fallada pedia á escritura a reproduzisse, quanto possivel com a sua vivacidade natural, com as suas cores privativas, com a sua vehemência ou desanimação, com a sua rapidez ou quebras, com as suas iras, com os seus amores, com as suas melancolias, com as suas indecisões, comtudo quanto, por ser seu, era parte con-



stitutiva della mesma. Coisa inexplicavel! esta obra d'arte, que tão facil devia parecer á vista das duas precedentes criações, acha-se apenas encetada!

A pontuação, que entre os antigos, e por larguíssimos séculos, quasi até aos nossos dias, só serviu para os repousos da voz, como nos jardins e parques espaçosos os pequenos assentos ao longo das alamedas, e nos largos e clareiras os relvados e os canapés, a pontuação, digo, reconheceu-se que tinha de fazer mais algum beneficio do que esse, e o que desse procedia: o aclarar as frases. Pedio-se-lhe a expressão, a physionomia, o character, o calor, o movimentos das idéas: ao menos das principaes. A' vírgula, ponto e vírgula, dois pontos e ponto, que só representavam pausas mais ou menos dilatadas, (como o ponto dos antigos, collocado no alto, no meio, ou no baixo da linha) accresceu a interrogação, a admiração, e a reticência: isto é, para tres dos innumeráveis movimentos do discurso, assina-ram-se notas significativas; mas os outros (contradicção inexplicavel!) permaneceram sem indicador; continuaram por isso a laborar no vago, sendo forçoso a quem lesse, adivinhar, ou conjecturar, ás vezes mais de metade da intenção do autor, quando este em notas, ou digressões tediosas lh'a não explicasse. D'ahi, essa arrastada bagagem de advertências, que deturpam as páginas dos dramas, e que deturpariam até as dos sermões, se elles se imprimissem para serem no pulpito reproduzidos por oradores. D'ahi, tambem, o escaço recurso, de que modernamente se começam a valer, de misturar a interrogação com a admiração, a admiração com a interrogação ou a interrogação com a reticência, etc. D'ahi, o haver-se forçado o pobre ponto exclamativo a expressar, ora a ironia, ora o terror, ora a compaixão, ora o enthusiasmo: o ponto de admiração, é nos caixotins do typógrapho, o que é no bahú dos cómicos ambulantes a safada capa do rei, que nos apertos lá vai supprir toga romana, samarra de ermitão, ou manto de viuva envergonhada; val tudo; que é o modo de nada valer. D'ahi finalmente, o costume, que descobri em alguns dos nossos actores mais habéis, (e que certamente lhes foi inspirado pela necessidade) de marcarem, cada um por sinaes só por elle entendidos, certos pormenores da recitação, ao passo que o autor, ou ensaiador lh'os vai explicando. Num exemplar de Racine, que fôra do uso de Talma, pessoa instruida que o viu, me contou ser tal, e tão insólita a pontuação que o grande mestre havia posto de seu punho nos papeis que representara, que, por falta



da chave do segredo, se tornava incomprehensível; mas nem por isso deixava de comprovar, por sentença de tão competente juiz, a insufficiência do systema usitado.

Quem ha hi que, tendo já composto algum trecho d'estilo apaixonado, não sentisse com desespero esta verdade, e se não desse a pêrros por não atinar como se exprimiria? não entrevisse a possibilidade de um additamento a esta linguagem da linguagem, e o não chamasse com todos os seus votos?

Discursemos sisudamente:

Se o mal existe, e não é pequeno; se lhe sabemos a natureza, e por conseguinte o remédio; se este, nem é perigoso, nem repugnante, nem caro, nem comprado, porque o não manipularemos, e tomaremos logo, e já?

No prólogo á minha *Traducção das Metamorphoses d'Ovidio*, pag. XX e seguintes, apresentei como proposição o systema de pontuação que neste livro seguia, e que mais ou menos tenho depois seguido em outros meus; a saber: de côrtes mui miudos; mais claros, por muito analyticos; mas constando unicamente ainda dos sinaes já recebidos. Agora, para completar essa proposição, offereço aos que houverem de tratar da regeneração da ortografia, o alvitre de se criarem afoita e liberalmente novos sinaes.

O processo para esta obra importante, seria começar por um estudo filosófico da alma humana quanto ao sentir e ao querer; passar d'ahi á classificação dos affectos e paixões, o *éthico* e o *pathético*, segundo a expressão das escolas, caracterisando-os, e distinguindo-os com a possivel exacção; e concluir, dando a cada paixão e a cada affecto um pequeno symbolo facil d'explicar, e facilimo de representar com o bico da penna. Na minha *cartinha de leitura*, approvada pelo Conselho Superior d'Instrucção Pública, procurei eu mnemonisar pelos olhos e pelo discurso a vírgula, o ponto e virgula, os dois pontos, o ponto, a interrogação, a admiração, a reticência, o parêntesis, a apóstrofe, o astérisko, etc., e a experiencia tem mostrado que por esse método toda a difficuldade de comprehender, reter, e applicar a pontuação, desaparece. O que assim se fez para os sinaes recebidos, cujas figuras haviam sido, sem dúvida, tomadas em seu principio caprichosamente, quanto melhor se não poderá fazer nos sinaes criados com reflexão, e por espiritos analyticos? Defenda-me Deus da fatuidade de lhes querer marcar itinerários; entretanto, para melhor dar a entender o



meu pensamento, embora hajam de rir os que riem de quanto lhes parece novo, proporei dois ou tres exemplos: o tom maior não caberia symbolisar-se com um ponto á feição de coração? o imperioso, com um arremedo de sceptro? o irado, com uma seta? o meditabundo, com um dedo para o ar? etc. etc. Com estas indicações, não se cuide que peço obras de desenho; não; para o manuscrito, qualquer longe ou arremedo nos bastava; a typographia, essa que pozesse embora maior primor.

¿Não tem ella chegado já com os seus progressos a alguma coisa parallela a esta, porém menos necessária, e mais difficil? fallo das chamadas *illustrações*, das pequenas gravuras intercaladas no texto, e em que as idéas dos vocábulos se estão, porque assim o digamos, com complacencia remirando; fallo das letras *capitales ornamentadas* e escolhidas; fallo das *vinhetas* e *fundos-de-lâmpada*, adequados.

Uma objecção estou eu já antevendo, que é a difficuldade de completar um systema e regimento de sinaes para todos os tons e semi-tons da recitação, e depois de inventado, o custo de os decorar.

A' primeira parte respondo que, ainda que se não inventára senão metade, senão o terço, senão o dizimo dos sinaes de que se carece, já esse ficava sendo no cabedal artistico de quem escreve, um bom augmento. Por se não poder conseguir o óptimo, não se ha-de desprezar o bom. Dae-nos dois ou tres pontos novos, e de grande préstimo; quando esses forem correntes, virão outros, e outros, até se vingará perfeição. E' assim que a lira, a principio de tres cordas, depois de quatro, depois de cinco, chegou até vinte; e nem por isso quando a viu plena, a história da música riscou o nome do seu primeiro inventor, ou os dos seus successivos ampliadores.

A segunda parte da objecção, já com a resposta desta esmoreceu; mas, para que de todo se desvanença, repito o que ha pouco disse; que os sinaes que eu peço, sendo mnemonisados para os olhos, e para o discurso, num relance se decoram. Quanto á confusão que alguém imaginaria haver na multiplicidade dos pontos para se ler com rapidez, observarei que a leitura comum se faz sem hesitações, e com a velocidade do relâmpago, mas contém em si, sommando o alfabeto maiúsculo, os algarismos, a pontuação, e mais sinaes gráficos para cima de setenta figuras mui diversas. ¿A música não tem porventura ain-



da muito maior cópia de sinais e combinações? e entretanto, não ha muito quem a decifre correntemente, e não a lêem ahi a cada canto pessoas sem talento nem estudos, e só pelo vezo de a correrem? certissimamente.

Ora a própria musica podia subministrar á leitura, se me não engano, alguns dos seus sinais já conhecidos; assim como a leitura nova lhe podia subministrar a ella com que supprir por um só traço cada umas das advertências que os seus compositores são ainda hoje forçados de escrever estendidamente, como: o *piano*, o *forte*, o *luzingando*, *con expressione*, o *sforzando*, o *maestoso*, o *andante*, o *andantino*, o *marziale*, etc. Em realidade, os pontos do contacto, ou semi-contacto, entre declamação e musica são mais do que aos desatentos, e á primeira vista poderia parecer. A não haver entre ellas relações intimas, o canto nada expressaria; e entre diversos cantos feitos para a mesma letra, não sentiríamos nuns mais propriedade, noutros menos, noutros nenhuma. A declamação dos antigos, que era mais exagerada do que a nossa, chegava até a ser regrada por sinais músicos; pois que de oradores romanos sabemos que tinham um flautista para lhes ir encaminhando as variações da voz. Esse excesso não o ha hoje; mas para os que lêem e recitam com perfeição, ha, e ha-de sempre haver, escalas de sons sujeitas a uma certa arte, como já adverti na tentativa que fiz sobre a maneira de recitar, no meu *Tratado de Versificação*.

Ha nas typhographias regulares uns trinta sinais por onde os revedores de provas e os compositores se entendem entre si para as emndas. Cada um destes sinais, com serem bem singelos, cifra uma recommendação, ou ordem, que, a se escrever por extenso, levaria linhas, e ficaria menos clara. A significação de taes sinais é rigorosa; a sua leitura, instantânea. Alguns poderiam tambem transferir-se para a pontuação nova, ou taes quaes, ou imitados.

Resumamos: A escrita, sendo feita para a leitura, e vários gêneros de escrita para a leitura em voz alta, deve ser acompanhada de sinais, que do modo mais rápido e exacto determinem os pensamentos e os affectos, que o autor quiz transmittir. Os sinais que hoje se costumam, uns indicando pausas, outros, affectos e paixões, são insufficientes; d'esta segunda espécie principalmente, muitos se devem inventar. Os escritores, começando pelos poetas, nomeadamente pelos dramáticos, adaptarão com alvoroço a novidade.



Formulamos a nossa receita. Uma gunta de peritos reune-se a estudar e ventilar as questões de pontuação, supponhamos na Bibliotheca Pública da Côrte, cu na da Typographia Nacional. Trabalham com as portas abertas, permittindo a quem quer que fôr o coadjuval-os com observações e conselhos, quer verbalmente, quer por escrito; redigem a sua theoria o mais clara e sobriamente que possam, com todos os sinaes bem designados; ajuntam a isto um pequeno corpo de exemplos bem escolhidos, em que todos os ditos sinaes se achem empregados mais de uma vez; a Typographia Nacional manda fazer na sua fundição todos esse sinaes novos para todos os diversos abecedários que possui, e de que vende para as outras impressas. Cada livro que se imprimir d'hi ávante, levará no princípio em uma ou duas páginas a explicação dos sinaes, se o autor se houver querido servir delles, como é evidente que todos quererão. D'esta sorte os leitores em pouco tempo se haverão, como os autores, familiarizado com a novidade; os autores folgarão, vendo que produzem mais effeito com menos trabalho; os leitores em cada página bem feita descobrirão cardumes de belleza, que até hoje lhes têm sempre estado occultas.

Para mais efficácia se havia de recommendar muito recommendadamente que se fizesse a respeito de cada um d'esses pontos novos, o que já, á imitação dos castelhanos, vamos praticando com a interrogação e a admiração; a saber: pôl-os duas vezes: uma, directamente, no fim da respectiva frase; outra, no começo d'ella, e revitado, para prevenção e advertencia.

Quintiliano no liv. 1.<sup>o</sup> cap. 8.<sup>o</sup>, depois de haver tratado da ortografia, accrescenta: — “Resta a leitura: consistirá esta em se ensinar aos principiantes onde hão de suspender a respiração, onde pausar o verso, onde cerrar o sentido, d'onde começar, quando se ha-de alevantar ou baixar a voz, o que importa se diga com inflexão, o que mais lenta, o que mais rapidamente, o que com mais impeto, o que com mais brandura; coisas todas que só a vista da própria obra, que têm diante dos olhos, se lhes poderão explicar. Quanto á leitura—ajunta elle—a um só preceito me reduzo: que pretender conseguir tudo isto, trate de bem entender para si o que ler.”—

O que a tão grande mestre acabamos de ouvir, é a mais cabal apologia que da minha proposição se podia fazer. Pelo systema velho, cada um antes de ler alto havia de estudar o escrito, e ainda então o leria conforme o seu muito, pouco, ou



nullo entendimento; pelo systema novo, até os de entendimento nullo hão-de ler de repente bem, isto é, hão-de expressar, quanto nelles caiba, os pensamentos e affectos do próprio autor.

Depois do que deixo dissertado, medo tenho de que de toda a parte caiam juizos severos sobre este pobre livro, a fazer nelle autopsia de pontuação, e achando-a em partes defeituosa, procurem por ahí desautorisar o bom conselho. Pudera já d'antemão reconvir-lhes com o sabido rifão do—“Fazei o que elle diz, não façais o que elle faz.” Mas outra melhor resalva supplico eu se me receba: quem por sua mão não escreve, nem com os próprios olhos revê provas, por mais escrúpulo e paciencia com que se ponha a dictar vírgulas e pontos, sempre por derradeiro deixa sair muita coisa, que elle mesmo, se as relese, não entenderia.

*Nam neque chorda sonum reddit, quem vult manus et mens. (1)*

Antonio Feliciano de Castilho



## A educação

A educação é um dos pontos principaes da vida. Ella ensina a creança a amar tudo que merece sel-o; toma sua intelligencia, a desenvolve e a eleva aos esplendores da sciencia.

Comprehende duas partes: dar ao coração as virtudes que o concernem, á intelligencia as qualidades capazes de dirigir toda a sua vida.

O professor, na sua nobre missão, tem a seu cargo uma parte da educação da creança; e, lembrando neste momento as multiplas comparações que existem entre creanças e flores, pode se affirmar que assim como a planta só floresce quando cercada de cuidados, assim a creança para desenvolver os seus bons sentimentos necessita de affecto e carinho.

A brilhante florescencia, que na primavera cobre as arvores e plantas, não symbolisa a creança ao principiari a vida com seus encantos de candura e d'innocencia, e as bellas esperanças que deixa entrevêr? Mas

1) CAMÕES, vol. II, pg. 126.



quantas esperanças não serão frustradas! A planta é tão fragil! O fructo tão delicado! Que vigilancia, que sollicitude exige este germen que vem nascendo, para chegar ao seu completo desenvolvimento!

A flor exige para desabrochar o calor vivificante, os doces raios do astro do dia; o coração da criança, tambem para desenvolver a semente divina que elle encerra, para mostrar todas as suas maravilhas, exhalar seu perfume, necessita do sol quente e vivo da educação.

E' do coração que surgem as virtudes mais amaveis e as mais fortes. Mas si a chamma deste coração não é entretida por mão intelligente e dedicada, si o sopro gelado das paixões apaga esta chamma divina, então este coração para sempre esteril, não produzirá senão fructos amargos.

Mero Polyente, Herodiade e Fabiola, todos possuíam a mesma scenella vivificadora; mas uns entregues a seus mãos instinctos nos apresentam o quadro tristissimo de todas as baixezas, de todas as degradações para onde conduz o vicio quando se apodera do coração humano. O christianismo com a sua pura e austera moral offerece ao mundo pagão admirado, o tocante spectaculo duma vida toda de pureza, de nobre soberbia, de santas energias.

E' com toda razão que o moralista grego Plutareho, nos mostra o coração da criança como sendo, não somente um lume a entretêr, mas um estôjo precioso, cálice brilhante, destinado a conter thesouros inapreciaveis!

Mas a quem a delicada missão de ornar e se mimoso estojo? Primeiramente, á mãe; só ella pôde inculcar, no coração da criança, as primeiras noções da virtude, esclarecer a sua intelligencia, derramar, nesta alma nova, com a sua ternura, o amor do bem e a aversão ao mal.

Este primeiro trabalho iniciado, cede a mãe ao educador seu deposito sagrado. Missão sublime e laboriosa; não se limita a desenvolver a intelligencia, mas elevar o character, augmentar neste coração as virtudes que serão todo o seu valor moral: lealdade, energia para o bem, força para resistir ás paixões, heroismo contra as fatalidades da vida, porque:

*Ici bas, la douleur à la douleur s'enchaîne.*

*Le jour succede au jour, la peine à la peine.*

Sim, as alegrias são curtas, as penas amargas, e quando a creança, tornado homem vir desvanecer suas illusões e seus sonhos, quando tiver o coração partido pelas decepções, cançado duma existencia que lhe parece pesada, é nelle mesmo que deve encontrar força e coragem. Dos principios d'uma pura moral surgirá a estrella da esperanza, lembrar-se-á que o homem é um deus cahido que se recorda do céu.

Mas si não sentir dentro de si, esta força mysteriosa que sustenta o homem quando perseguido pela adversidade, e o impelle a agir, que será desse coração que em vão reclama um consolo, um soccorro? Estará no seu direito, criminando os que não cuidaram de desenvolver as suas fauldaes moraes.

Bendito o mestre que comprehende a sua nobre missão!

Feliz a creança docil aos conselhos dos seus educadores!



# A instrução pública nos Estados

## MINAS—GERAES

E' da mensagem dirigida ao Congresso Mineiro, em sua segunda sessão ordinaria da sexta legislatura, pelo sr. dr. Bueno Brandão, presidente do Estado, o trecho que a seguir publicamos, sobre ensino publico:

### Instrucção Primaria

—O ensino primario do Estado continúa a merecer do governo os mais sérios cuidados e dedicada attenção.

O regulamento n. 3.191, de 1911, consolidou as leis do ensino publico do Estado e vae sendo executado e produzindo os seus effectos.

O ensino primario, como sabeis, é proporcionado pelos grupos escolares, escolas isoladas, districtaes, urbanas, ruraes e nas coloniaes. Estão criados 110 grupos escolares; destes, com funcionamento regular, 92: os demais estão em trabalho de organização.

Além dos grupos contam-se 1.614 escolas singulares, das quaes estão providas 1.383 e vagas 231. Existem mais 93 lugares de professores adjunctos, não estando providos apenas 9. Se o movimento da matricula é animador, a frequencia não corresponde ainda aos desejos da administração. Os dados estatísticos, que vão em seguida, demonstram o movimento escolar do Estado nos annos de 1911 e 1912, até abril.

Funcionaram no primeiro semestre de 1911 80 grupos em cidades e villas e 16 districtaes. A matricula foi de 29.984 alumnos. Em equal periodo funcionaram 325 escolas urbanas, 979 districtaes e 11 coloniaes, com a matricula de 87.651 alumnos; nas escolas que se installaram, mas não funcionaram durante todo o semestre, 3.079 alumnos. O movimento total em todos os grupos e escolas foi de... 118.714 alumnos, ou, mais 9.635 que no primeiro semestre de 1910.

No segundo semestre funcionaram 84 grupos, 320 cadeiras urbanas, 853 districtaes e 162 ruraes, com a matricula de 122.976 alumnos, ou mais 8.128 que no segundo semestre de 1910.



Em 1912, até 30 de abril, funcionaram 92 grupos, 1.301 escolas isoladas, com a matricula de 124.755 alumnos. Se a este numero acrescentarmos 15.890 alumnos matriculados nas escolas municipaes e particulares, cujos dados a Secretaria conseguiu apurar, temos um total de 140.645 alumnos. Esta somma não representa, entretanto, a totalidade dos alumnos que recebem instrucção primaria em Minas, visto serem deficientes os dados relativos ás escolas municipaes e particulares e algumas estaduaes isoladas que deixaram de remetter os necessarios dados.

A frequencia escolar no anno de 1911 apresenta uma porcentagem de 55 por cento sobre a matricula.

A frequencia legal apurada é a prevista pelos artigos 237 e 238 do regulamento n. 3.191 de 9 de junho de 1911, os quaes consideram como tendo frequencia mensal, o alumno que comparece, no minimo, a 15 lições, em cada um dos mezes do anno, e semestral o alumno que comparece, a 75 lições, no minimo durante cada semestre do anno lectivo.

Nesta capital e nas principaes cidades mineiras, é notavel o desenvolvimento da frequencia nas escolas, ao passo que esta decresce nos municipios e districtos afastados da zona mais movimentada. A diminuição da frequencia nesses lugares deve ser attribuida ao pouco amor á instrucção, ainda mesmo a mais elementar, e á falta do recurso da população.»

### S. PAULO

Continúa o desenvolvimento da instrucção pública a receber cuidada attenção e a preoccupar profundamente o espirito dos responsaveis pelos destinos do grande estado de S. Paulo, justamente reputado como a metropole intellectual do Brasil. A universidade desse estado acaba de receber nova organisação, que damos a seguir, e que deixa prever para futuro proximo, lisongeiros resultados.

## **UNIVERSIDADE DE S. PAULO**

Organização das Escolas

### **Jardim da Infancia**

- 1.º Periodo—D. Rachel Dupré.
- 2.º Periodo—D. Lucia Bressane.
- 3.º Periodo—D. Fulvia Bueno.



**Escola Primaria**

- 1.<sup>a</sup> Classe—D. Lydia Silveira.  
 2.<sup>a</sup> Classe—D. Aracy Guimarães.  
 3.<sup>a</sup> Classe—D. Mariana Negrão.

**Escola Secundaria**

Está em via de ser organizada.

**Escola de Cultura Physica**

Professores (contractados);

- De esgrima: Sr. Manoel Barajola.  
 De instrucção militar: Capitão Augusto de Carvalho.  
 De gymnastica: Sr. Segismunde Riegel.

**Curso Preliminares**

## DE MEDICINA:

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Physica, dr. Francisco Octaviano Ferreira Lopes.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Chimica, bacharel Adelino Leal.  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Historia Natural, dr. Raul Briquet.

## DE ENGENHARIA

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Physica, dr. Francisco Octaviano Ferreira Lopes  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Chimica, bacharel Adelino Leal.  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Historia Natural, dr. Raul Briquet.  
 4.<sup>a</sup> cadeira: Mathematica elemental (revisão) dr. Alcides Barbosa.

## DE BELLAS ARTES

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Geometria discriptiva e elementos de architectura, dr. Paulino Otto Cesar Barriere.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Philosophia da Arte, dr. Ulysses Paranhos.

## DE AGRONOMIA E ZOOTECHNICA:

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Physica, dr. Francisco Octaviano Ferreira Lopes.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Chimica, bacharel Adelino Leal.  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Historia Natural, dr. Raul Briquet.  
 4.<sup>a</sup> cadeira: Mathematica elemental e trigonometria, dr. Alcides Barbosa.

**Escola de Bellas Artes**

*Curso Geral* (2 annos de estudos).

*1.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Perspectiva, dr. Victor Debugrás.  
 Aula—desenho geom., dr. Paulino Barriere.  
 Aula—Copia gesso (1.<sup>a</sup> parte) prof. Caetano Pierre.



2.<sup>a</sup> Série

Cadeira: Hist. da arte, dr. Ulysses Paranhos.  
 I aula—Estudo nú (cl.<sup>o</sup> e escuro) prof. Alfredo Norfini.  
 II aula—Copia de gesso (2.<sup>a</sup> parte), prof. Caetano Pierre.

*Curso de Pintura* (1 anno de estudos).

Cadeira. Anatomia. Dr. Olegario de Moura.  
 I aula—Estudo nú (mod.<sup>o</sup> vivo), Bento Barbosa.  
 II aula—Composição, Oscar Pereira da Silva.

*Curso de Esculptura* (1 anno de estudos).

Cadeira: Anatomia, dr. Olegario de Moura.  
 I aula—Estudo nú (mod.<sup>o</sup> vivo), prof. Lourenço Petrucci.  
 II aula—Composição, prof. Lourenço Petrucci.

*Curso de Architectura* (3 annos de estudos).

1.<sup>a</sup> Série

1.<sup>a</sup> cadeira: applicações de geometria discriptiva, Perspectiva e este reotomia, dr. Achilles Nacarato.

2.<sup>a</sup> cadeira, Construções civis e hygiene, dr. Alexandre de Albuquerque.

I aula—Desenho e composição ornamentaes, prof. Bosioni.

II aula—Desenho de perspectiva e estareotomia, dr. Victor Dubugrás.

2.<sup>a</sup> Série

1.<sup>a</sup> cadeira: Architectura geral e especialmente habitações privadas, dr. Alexandre de Albuquerque.

2.<sup>a</sup> cadeira: Noções de resistencia dos materiaes e estabilidade da construções, dr. H. Pujol Junior.

I Aula—Projectos de architectura geral, dr. Augusto de Toledo.

II Aula—Experimentação dos materiaes, calculo graphico e verificação de resistencias e estabilidade, dr. H. Pujol Junior.

3.<sup>a</sup> Série

1.<sup>a</sup> cadeira: Historia dos estylos e esthetica, dr. Ulysses Paranhos.

2.<sup>a</sup> cadeira: Architectura especial (architectura religiosa, escolar; hospitalar, militar, industrial, etc.). dr. Augusto de Toledo.

I aula—Projectos de architectura especial, dr. Augusto de Toledo.

II aula—Pratica de orçamentos contractos e administração de obras, dr. Pujol Junior.

**Escola de Sciencias e Lettras**1.<sup>a</sup> Série

1.<sup>a</sup> cadeira: Mechanica Racional e Astronomia, dr. Guilherme Sandeville.

2.<sup>a</sup> cadeira: Historia Natural, dr. Raul Briquet.

3.<sup>a</sup> cadeira: Anthropologia, dr. Enjolras Vampré.



*2.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Psychologia, dr. Alonso Guayanaz da Fonseca.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Logica, dr. Manuel Carlos de Figueiredo Fe:raz.  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Historia da Philosophia, dr. Henrique Geenen.

*3.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Historia da Philosophia (2.<sup>a</sup> parte), dr. Henrique Geenen.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Philologia, dr. Oscar Nobiling.  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Historia da Lingua Portuguesa, dr. Silvio de Almeida.  
 4.<sup>a</sup> cadeira: Litteratura Comparada, dr. Antonio Picarollo.  
 5.<sup>a</sup> cadeira: Litteratura luso-brazileira, dr. Vicente de Carvalho.  
 6.<sup>a</sup> cadeira: Historia da Civilisação, dr. Alberto Seabra.

*4.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Litteratura Comparada (2.<sup>a</sup> parte), dr. Antonio Picarollo.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Litteratura luso-brazileira (2.<sup>a</sup> parte), dr. Vicente de Carvalho.  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Historia da Civilisação (2.<sup>a</sup> parte), dr. Alberto Seabra.

**Escola de Commercio***1.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Portuguez, Nelson de Oliveira Mafra.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Economia politica e theoria dos bancos, dr. Spencer Vampré  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Escripturação Mercantil e Contabilidade, dr. Francisco Rodrigues Lavras.  
 Aula—Pratica da lingua ingleza, prof. José Stott.  
 Aula—Tachygraphia e Dactylographia, prof. Leven Vampré.

*2.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Geographia commercial, dr. Antonio de Sampaio Doria.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Direito commercial, dr. Raul Renato Cardoso de Mello.  
 Aula—Contabilidade e pratica de escriptorio, prof. Antonio Xande.  
 Aula—Pratica de lingua ingleza, prof. José Stott

**Escola de Pharmacia***1.<sup>a</sup> série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Chimica organica e industrial, dr. Carlos Nunes Rabello.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Botanica geral e descriptiva, pharmaceutico Fernando da Rocha Paes de Barros.  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Materia medica e therapeutica, dr. Nicolau da Gama Cerqueira.

*2.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Chimica analytica e toxicologica, dr Henrique Carlos de Magalhães Gomes.



2.<sup>a</sup> cadeira: Chimica biologica e bromotologica, pharmaceutico José Malhado Filho.

3.<sup>a</sup> cadeira: Pharmacia theorica e pratica, pharmaceutico Humberto de Queiroz.

4.<sup>a</sup> cadeira: Hygiene e Microbiologia, dr. Eduardo Marques.

### Escola de Odontologia

#### 1.<sup>a</sup> Série

1.<sup>a</sup> cadeira: Elementos de Anatomia, Anatomia da cabeça dr. Olegario de Moura.

2.<sup>a</sup> cadeira: Elementos de Histologia e Physiologia, especialmente da bocca, dr. Ulysses Paranhos.

3.<sup>a</sup> cadeira: Noções de Bacteriologia e Hygiene dr. Eduardo Marques.

4.<sup>a</sup> cadeira: Metaes e Ligas, bacharel Adelino Leal.

#### 2.<sup>a</sup> Série

1.<sup>a</sup> cadeira: Pathologia dentaria Stomatologia, cirurgião dentista Henrique Aubertlie.

3.<sup>a</sup> cadeira: Clinica dentaria (technica operaria), cirurgião dentista Nevio Nogueira Barboza.

4.<sup>a</sup> cadeira: Prothese dentaria, cirurgião dentista Eduardo da Silva (provisoriamente)

Assistente de Chimica dentaria: cirurgião dentista, Aristoteles Luiz de Amorim.

Assistente de Prothese dentaria: cirurgião dentista, Raul Guimarães de Souza Lopes.

### Escola de Agronomia e Zootechnia

#### 1.<sup>a</sup> Série

1.<sup>a</sup> cadeira: Geometria descriptiva e applicações, dr. Achilles Nacarato.

2.<sup>a</sup> cadeira: Physica (complementos); Metereologia, dr. Magalhães Gomes (provisoriamente).

3.<sup>a</sup> cadeira: Botanica (complementos) Physiologia e Pathologia vegetaes, dr. Gustavo Edwall.

#### 2.<sup>a</sup> Série

1.<sup>a</sup> cadeira: Topographia, dr. G. Sandeville.

2.<sup>a</sup> cadeira: Zoologia geral e descriptiva, dr. José Candido de Souza.

3.<sup>a</sup> cadeira: Mechanica elementar, machinas hydraulicas, thermicas e agricolas, dr. Francisco Soares.

Aula.—Desenho topographico e de machinas.

#### 3.<sup>a</sup> Série

1.<sup>a</sup> cadeira: Chimica organica, dr. Carlos N. Rabello.

2.<sup>a</sup> cadeira: Chimica analytica geral e applicada e Chimica Agricola, dr. H. C. de Magalhães Gomes.



- 3.<sup>a</sup> cadeira: Mineralogia e Geologia, dr. Adhemar de Mello Franco.  
 4.<sup>a</sup> cadeira: Construções ruraes e Hydraulica agricola, dr. Edmundo

Krug.

Aula—Desenho de construções.

*4.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Agricultura geral e especial, dr. Julio Brandão Sobrinho.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Zootechnia, dr. Luiz Misson.  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Veterinaria, dr. Luiz Picollo.  
 4.<sup>a</sup> cadeira: Technologia rural e estudos sobre lavouras, dr. Pereira  
 Ramos.  
 5.<sup>a</sup> cadeira: Economica e legislação ruraes, dr. Brasílio de Campos.

**Escola de Medicina Veterinaria***1.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Anatomia normal e comparada, dr. José Candido de Souza.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Histologia e Embriologia, dr. U. Paranhos.  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Physiologia, dr. José Valeriano de Souza.

*2.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira Pathologia geral e microbiologia, dr. Eduardo Marques.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Anatomia Pathologica e technica das autopsias, dr. Antonio Carini.  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Zootechnia, dr. Luiz Misson.  
 4.<sup>a</sup> cadeira: Pharmacologia veterinaria. bacharel João F. Meira de Vasconcellos.

*3.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Arte de formular. Therapeutica e Dietetica, dr. Niculau da Gama Cerqueira.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Pathologia externa e Clinica cirurgica veterinaria, dr. Paulo Maugé.  
 4.<sup>a</sup> cadeira: Hygiene e policia veterinaria, dr. Sergio Meira

**Escola de Engenharia**

## CURSO GERAL

*1.<sup>a</sup> Série*

- 1.<sup>a</sup> cadeira: Algebra superior. Calculo infinitesimal e Geometria analytica, Alfredo Porchat.  
 2.<sup>a</sup> cadeira: Geometria discriptiva e applicações, dr. Achilles Nacarato.  
 3.<sup>a</sup> cadeira: Physica (revisão e complementos) dr. Magalhães Gomes.  
 4.<sup>a</sup> cadeira: Chimica (revisão e complemento de Chimica organica) dr. Carlos N. Rabello.  
 Aula.—Desenho topografico.



*2ª Série*

1ª cadeira: Topographia, legislação e medição de terras e elementos de astronomia, dr. G. Sandeville.

2ª cadeira: Mechanica racional e noções de Geodesia, dr. Rogerio Fajardo.

3ª cadeira: Mineralogia e Geologia applicada á engenharia, dr. Adhemar de Mello Franco.

4ª cadeira: Electrotechnica e Physica industrial, dr. Moysés Marx.

5ª cadeira: Chimica analytica applicada, Chimica, industrial e electrochimica, dr. Magalhães Gomes.

Aula.—Desenho cartographico e architectonico.

## CURSO ESPECIAL

*1ª Série*

1ª cadeira. Mechanica applicadas ás machinas, motores thermicos, de ar comprimido e de explosão, dr. José Maria Borges.

2ª cadeira: Resistencia dos materiaes, grapho-estatica, dr. Hyppolyto Pujol (indicado).

3ª cadeira: Materiaes de construcção, technologia das profissões elementares, dr. Augusto de Toledo.

4ª cadeira. Architectura e hygiene das habitações, dr. Alexandre de Albuquerque.

*2ª Série*

1ª cadeira: Hydraulica e machinas hydraulicas, dr. Arthur Motta.

2ª cadeira: Estrada de rodagem e de ferro. dr. Gonçalves Barbosa.

3ª cadeira: Aguas e Exgottos, porto de mar, rios, canaes, dr. Alfredo Braga.

4ª cadeira: Estabilidade, pontes e viaductos, dr. Mario Freire.

5ª cadeira Economia, Direito administrativo, Estatistica e contabilidade, dr. Brasilio de Campos.

**Escola de Medicina***1ª Série*

Anatomia descriptiva (1ª cadeira), dr. Olegario de Moura.

Histologia (1ª cadeira), dr. Ulysses Paranhos.

Physiologia (1ª cadeira), dr. Valeriano de Souza.

*2ª Série*

Anatomia descriptiva (2ª cadeira), dr. A. Luiz do Rego.

Physiologia (2ª cadeira), dr. Eduardo Guimarães (provisoriamente).

Microbiologia, dr. Eduardo Marques.

*3ª Série*

Materia medica, arte de formular e noções de pharmacologia, dr. N. da Gama Cerqueira.

Anatomia e histologia pathologicas, dr. Antonio Carini.



Anatomia medico-cirurgica com operações e aparelhos, dr. Oliveira Fausto.

Clinica cirurgica, dr. Amarante Cruz.

Clinica medica, dr. Pinheiro Cintra.

Clinica dermatologica, e syphiligraphica, dr. Adolpho Lindenberg.

4ª Série

Therapeutica, dr. Mathias Valladão.

Clinica cirurgiãõ, dr. Alves de Lima.

Clinica Medica, dr. Arthur Mendonça.

Clinica ophtalmologica, dr. Euzebio de Queiroz.

Clinica de molestias nervosas, psychotherapia, dr. Eduardo Guimarães.

5ª Série

Hygiene, dr. Sergio Meira.

Medicina legal, dr. Arlindo Pinto.

Clinica cirurgica, dr. Arnaldo Vieira de Carvalho.

Clinica medica, dr. Diogo de Faria.

Clinica obstetrica, dr. Sylvio Maia.

Clinica gynecologica, dr. Moraes Barros.

Clinica pediatria medica e hygiene infantil, dr. Clemente Ferreira.

Clinica de molestias mentaes, dr. Francisco da Rocha.

**Escola de Direito**

1ª Série

Direito Romano, dr. Estevam de Almeida.

Encyclopedia Juridica, dr. Raphael Corrêa Sampaio.

2ª Série

Direito Publico e Constitucional, dr. Herculano de Freitas.

Direito Internacional (p. pr.), dr. Freitas Valle,

Direito Civil, dr. João Sampaio Vidal.

3ª Série

Direito Civil, dr. João Sampaio.

Direito Commercial, dr. Gabriel de Rezende.

Direito Criminal, dr. Luiz da Gama Cerqueira.

4ª Série

Direito Civil, dr. Daniel Rossi.

Direito Commercial, dr. Gabriel de Rezende.

Direito Criminal, dr. Florivaldo Linhares.

Economia Pratica, dr. Spencer Vampré.

5ª Série

Theoria da proc. civ. e comm., dr. Armando Prado.

Pratica da proc. civil e comm., dr. Carlos de Campos,

Theoria e pratica do proc. crm., dr. Galdino de Siqueira.

Medicina Legal, dr. Alcantara Machado.

Direito Administrativo, dr. Pedro Villaboim.



**Directoria das escolas**

## I

## JARDIM DA INFANCIA

Directora: D. Fulvia Pereira Bueno.  
Vice-Directora: D. Lucia Bressane.

## II

## ESCOLA PRIMARIA

Directora: D. Lydia Silveira.  
Vice-Directora; D. Aracy de Castro Guimarães.

## III

## ESCOLA DE BELLAS ARTES

Director: Alexandre Albuquerque.  
Vice-Director; Hyppolito Pujol Junior.

## IV

## ESCOLA DE SCIENCIAS E LETRAS

Director: Dr. Vicente de Carvalho.  
Vice-Director: Dr. Alberto Seabra.

## V

## ESCOLA DE AGRONOMIA E ZOOTECHNIA

Director: Dr. Ferreira Ramos.  
Vice-Director: Dr. Edmundo Krug.

## VI

## ESCOLA VETERINARIA

Director. D. Sergio Meira.  
Vice-Director: Dr. Luiz Misson.

## VII

## ESCOLA DE COMMERCIO

Director: Dr. Spencer Vampré.  
Vice-Director: Dr. Francisco Rodrigues Lavras.

## VIII

## ESCOLA DE PHARMACIA

Director: José Malhado Filho.  
Vice-Director: Humberto Queiroz.



## IX

## ESCOLA DE ODONTOLOGIA

Director: Nevio Nogueira Barbosa. (Cirurgião dentista).  
Vice-Director: Henrique Aubertie.

## X

## ESCOLA DE MEDICINA

Director: Dr. Mathias Valladão.  
Vice-Director: Dr. Alves Lima.

## XI

## ESCOLA DE ENGENHARIA

Director: Dr. Arthur Motta.  
Vice-Director: José Maria Borges.

## XII

## ESCOLA DE DIREITO

Director: Dr. Gabriel de Rezende.  
Vice-Director: Dr. Gama Cerqueira.

## LENTES HONORARIOS

Dr. Antonio Dino da Costa Bueno, dr. João Mendes de Almeida Junior, dr. Reynaldo Pouchat, dr. Antonio Francisco de Paulo Souza, dr. Francisco Paula Ramos de Azevedo, dr. Emilio Ribas, dr. J. E. Macedo Soares, dr. Cincinato Braga, dr. Augusto Ferreira Ramos, dr. Julio Mesquita, dr. Theodoro Sampaio, dr. Horacio Berlinck, dr. Cons. M. A. Duarte de Azevedo, dr. José Luiz Almeida Nogueira, dr. Antonio Cantidio Rodrigues, dr. Bazilio Machado, dr. João Gualberto de Souza, dr. Bittencourt Rodrigues, dr. Augusto Freire da Silva, dr. Hermann von e Ihering, prof. José Feliciano de Oliveira, dr. Oscar Thompson.

---

**Direcções da Universidade**

Está entregue á um conselho superior composto dos seguintes Snrs:  
REITOR:—Dr. Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães.  
VICE-REITOR: Ulysses Paranhos.  
SECRETARIO GERAL: Bacharel Adelino Leal.

## MEMBROS DA COMMISSÃO FINANCEIRA

Dr. Carlos Nunes Rabello.  
Pharmaceutico Humberto de Queiroz.



## DIRECTORES DAS ESCOLAS SUPERIORES

Dr. Alexandre de Albuquerque.  
Dr. Vicente de Carvalho.  
Dr. Francisco Ferreira Ramos  
Dr. Sergio Meira.  
Dr. Spencer Vampré.  
Cirurgião Dentista Nevio Barbosa.  
Pharmaceutico José Malhado Filho.  
Dr. Mathias Valladão.  
Dr. Arthur Motta.  
Dr. Gabriel de Rezende.

## CONSULTORIO JURIDICO:

Dr. Estevam de Almeida.

## SECRETARIA:

Dirigida pelo Secretario Geral—seu pessoal compõe-se dos Snrs:

SECRETARIO: Severino Leal.

ESCRITURARIO: Carlos Bittencourt.

AMANUENSE: Seraphim Romero Gil.

